

# O RETIRANTE

ORGAM DAS VICTIMAS DA SECCA.

PUBLICAÇÕES PARTICULARES: 80 RS. POR LINHA

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS.

PREÇO DA ASSIGNATURA: 1\$000 MENSAES.

Anno I.

Fortaleza — Domingo, 14 de Outubro de 1877.

N. 17

## O RETIRANTE.

FORTALEZA, 14 DE OUTUBRO DE 1877.

Por mais que nos custem dissabores, acompanharemos o movimento judiciário relativamente ao barbaro crime do Mondubim, de que foi protagonista o major Pirão, e que traz alarmado o espirito publico pela justa indignação que esse crime inspira.

Ficou bem patente por provas irrecusaveis no inquerito policial que o infeliz retirante se viu horrivelmente, não foi — José Doido, morador ha mais de dois annos em Maracanhá, e que se apresentou a autoridade policial para ser vistoriado.

Essa substituição grossa foi prompta e rigorosamente denunciada pela população em massa, que ergueu-se como um só homem contra a audaciosa impostura, na propria hora do exame; tanto mais quando foi visto em poder do pretensio paciente uma porção de massa caustica que foi-lhe ministrada para simular savicias.

Com effeito José Doido attonito pela reprobção geral desapareceu, após o exame, sem saber responder sequer — que era o rio Jaguaribe que banha a villa onde dissera residir, e d'ella ter emigrado em Fevereiro d'este anno, quando sabem todos os habitantes de Maracanhá que esse réo de policia ali mora ha mais de dois annos!

O Dr. chefe de policia, convencido do embuste, ali o foi prender para liquidar essa questão de identidade, cuja diligencia infelizmente mallogrou-se, pois que o tratado, sendo avisado, fugiu conduzindo toda a sua roupa em um sacco, bem como a de sua amasia, a quem abandonou na fuga deixando-a com a roupa do corpo.

A propria descripção dos peritos no corpo de delicto, repelle a idéa de ser o examinado o que recebesse o tremendo castigo descripto pelas testemunhas do inquerito, infeliz que deve estar na eternidade ou, pelo menos, em carcere privado extorcendo-se prisioneiro em leito de dores, visto que não apparece!

Pois bem: o Dr. promotor publico da comarca acaba de apresentar sua queixa contra o major Pirão, tomando por base — esse corpo de delicto, — para encabeçar o crime no artigo 201 do codigo criminal; erro que lhe deve tirar metade do prestigio e força moral de que tanto carecia reverter-se o ministerio publico n'este desgraçado successo.

E tanto mais é justa a nossa censura, quando n'essa queixa foram excluidas todas as testemunhas que sabem ser José Doido — um falso paciente, e do qual mais tarde apparecerá, não obstante — procuração — perdão do crime e impondo silencio ao processo!

E' assim que o tenente-coronel José Vianna tendo communicado a promotoria que José Doido ainda na vespera do dia em que se apresentou á policia para ser examinado, perguntou a Manoel de tal, chefe de trem da via-ferrea, se — já tinha apparecido o individuo surrado por Pirão — o que prova evidentemente não ter sido elle o paciente; nem foram os nomes do tenente coronel nem do chefe de trem indicados em rol para o summario.

E' assim ainda que, tendo-se declinado no numero passado d'este periodico os nomes de cidadãos distinctos que tinham plena certeza da substituição, taes como o Dr. Privat, capitão Nelson e outros; a queixa evitou esses importantissimos depoimentos!

Ficando, pois, provadissimo que tal queixa se funda em um corpo de delicto n'estas condições, do que ha sobejas provas no proprio inquerito policial, tem-se provado o maior escandalo que se podia dar no fôro de uma capital illustrada, e diante de cujo escandalo recuaria a mais estragada justiça de aldeia!

Confiamos porém que o juizo criminal, onde o processo vai correr seus termos, salvará a causa da justiça.

Proseguiremos.

### As dissipações do Sr. Estellita.

Concentremos o espirito sobre a sorte inda mais miseranda que ameaça de perto este povo infeliz; fitemos os olhos n'esse quadro de misérias, e sem detença veremos que de todo ennegrece nosso horisonte já tão carregado, annunciando medonha procella.

A imprensa d'esto capital de quando em vez registra casos de morte por fome, os quaes o Sr. Estellita manda desmentir pela folha official; mas, nem por isso, deixam elles de repetir-se, fallando muito alto e eloquentemente contra sua immoral administração.

Onde iremos parar, si o Sr. Caxias se não convencer de que o seu delegado está desgovernando esta provincia?

A ignorancia, ingenuidade e absoluta carencia de discernimento attingem em S. Exc. a um verdadeire idiotismo. Sem iniciativa, tem-se tornado uma machina exposta ao impulso de qualquer aventureiro, movendo-se ao mais leve toque.

Esbanja-se e obulo destinado ao desgraçado; derrama-se dinheiro larga manu e a verba — soccorros publicos — é uma fonte copiosa sorvida com incrível sofreguidão pelas mais illicitas ambições.

A' continuarem as cousas no pé em que se achão, a caridade particular e o thesouro nacional, de mãos dadas, não conseguirão certamente evitar o funebre desfecho d'esse drama de horrores e infortunios que S. Exc. está fazendo representar com geral indignação. A qui mesmo, dentro d'esta capital, no centro de todos os recursos, a pobreza ver-se-ha na dura e triste contingencia ou de saquear os grandes depositos dos especuladores, ou resignar-se á morte depois de cruéis torturas. As nossas bellas ruas se juncarão com os cadaveres das victimas d'essa administração imbecil, as quaes hão de exhalar, com o derradeiro respiro, as mais justas e tremendas imprecações.

Infelizmente não declamamos; as nossas previsões estão no espirito publico, desde muito revollado; os homens bem intencionados, os que olham pelo prisma do justo e do honesto, os que encaram a quadra com profunda magoa e só pensam nos meios de attenuar tamanhos e tão prolongados soffrimentos, esses estão comnosco, soldados d'essa santa cruzada que espera conquistar sua Jerusalem, escalando, embora com sacrificios, as mais elevadas e espessas muralhas que se lhes anteponha.

Conhecemos perfeitamente a medida de linguagem que deveramos observar, si não houvessemos esgotado a paciencia, clamando em balde contra os continuados abusos do Sr. Estellita. Para pintal-o com fidelidade, não descobrimos outras tintas; seria preciso sacrificar a verdade, temos repetido muitas vezes, para em phrases avelludadas descrever uma administração que rola em plano inclinado á precipitar-se em pavoroso abysmo, arrastando consigo centenas de vidas, algumas das quaes talvez mais uteis que a de S. Exc. á causa publica.

Effectivamente, não se faz mister o jo-go das cifras para chegarmos á triste realidade; á primeira vista impressiona-nos, do

ILEGIVEL

modo o mais desagradavel, a dissipação dos dinheiros publicos e dos generosos donativos de nacionaes e estrangeiros, formando saliente contraste com esse apregoador espirito de economia com que em melhores tempos os amigos de S. Exc. pretendiam aureolar o, imbandindo-nos grosseiramente com louvaminhas de encomenda.

São enormes as sommas que semanalmente se esvaem em conta dos infelizes *retirantes*, que, desde a manhã até horas avançadas da noite, batem-nos á porta, proferindo amargas queixas contra alguns senhores membros d'esse alluvião de commissões que atiram-lhes, como á cães, ridiculas migalhas acompanhadas de rudes affrontas.

Não o interesse mesquinho, mas o patriotismo e os sentimentos de humanidade deveriam ser os moveis d'esses senhores; não proletarios, porém homens independentes, como alguns conhecemos n'essas commissões, deveriam constituir-as todas; pois, não podemos comprehendêr como chefes de familia pobres que precisam do trabalho, possam, sem a minima retribuição, gastar todo o seu tempo em distribuição de esmolas. Si realmente S. Exc. os remunerar, não é justo que o obulo consagrado aos desvalidos se converta em pingues ordenados á meia duzia de seus protegidos. Si se acham estes em condições de serem socorridos, é sem duvida odiosissima essa jerarchia que S. Exc. estabelece entre os necessitados, essa distincção entre os *retirantes*, muitos dos quaes apenas recebem quinhentos réis para comer durante seis dias e os seus *queridos*, guindados á categoria de feitores, distribuidores, pagadores, compradores, essa caterva, em summa, de *empregados da secca*, verdadeiras sanguessugas pregadas aos lombos dos infelizes famintos.

A' muitos contemporaneos do lugubre 45 temos ouvido que todo esse serviço era confiado aos empregados publicos, com um pequeno augmento em seus vencimentos.

D'este modo haveria maior ordem, melhor methodo, e incontestavelmente muito mais economia no dispendio dos dinheiros e distribuição dos generos; *maxime* actualmente, quando não ha, excepção feita da thesouraria geral, muito que fazer nas diversas repartições.

Entretanto, surdo ao ponto de não ouvir o piar descompassado dos curvos; cego á não ver a formidável catadura do hypocrita atravez da transparente mascara da philanthropia; desviado á não discernir entre o homem de bem, o legítimo cidadão e o cavalheiro andante, confia S. Exc. grossas sommas ao primeiro que lhe estende a mão, ou lhe falla em nome de localidades de que se diz organ genuino e ás vezes não passa d'essas varejeiras que esvoaçam por sobre as dores da humanidade, como por sobre as podridões!

O dinheiro vão e não ha cessar os clamores; os gemidos, desde as longinquas extremas da provincia, nos vem ferir os ouvidos e dilacerar o coração! Hoje são dezenas; amanhã serão centenas de cearense, que cahirão inanidos, si o reinado

da economia e intelligente direcção dos negocios publicos não vier quanto antes substituir o reinado das patolas, do esbanjamento e da ineptia.

### Sempre Pirões!

Um distincto cavalheiro do Icó, não tendo ainda noticia da tragedia do Mondubim, escreve o seguinte á um seu amigo d'esta capital:

« Francisco Monteiro acaba de praticar um acto de verdadeiro canibalismo: Um miseravel tendo colhido em seu sítio um cacho de bananas e apanhado com o furto, foi por ordem de Monteiro, cruelmente surrado, depois do que, cortando-se-lhe a barba á faca, despiram-no dos immundos trapos que vestia, os quaes foram entregues ás chaminas e o pobre homem lançado á rua em completa nudez»

Horrorosa coincidência!

Enquanto Pirão n'esta capital procurava por grosseiros estratagemas escapar á acção da justiça publica e as autoridades auxiliavam-no no tristissimo empenho de sepultar nas trevas um crime hediondo; na mesma provincia, alumiado pelo mesmo sol e quasi ao mesmo tempo, um seu proximo parente, embora não com tanta ferocidade, exhibia a prova a mais concludente de que herdava-se idiosyncrasias; enraizam-se nos membros de uma mesma familia males moraes e phisicos identicos, circulando nas veias d'esses dois homens o mesmo sangue, carregado dos mesmos vicios.

Esses dois cerebros, sob o escapello perscrutador do phrenologo, revellariam segredos; resolveriam problemas que teem atravessado os seculos sem solução.

A vasta e complicada sciencia da alma humana colheria ahí fructos sem daviada mais proveitosos do que essas mirradas bananas nutridas pelo solo arido dos serões, as quaes custaram ao infeliz faminto tão duras provanças.

E como não avolumar-se a estatistica criminal d'esta provincia, quando só são punidos os furtos de cavallos e gallinhas e ahí vivem impunes, gozando de todos os fóros e privilegios do cidadão util e pacifico, os grandes criminosos, só porque são *Pirões*?

Revoltante irrisão!

Agora mesmo, n'este instante em que estampamos n'estas columnas o mais solenne e energico protesto contra a criminosa attitudé das autoridades, que por delexão, cobardia e manifesto patronato tornaram-se cúmplices do Pachá do Mondubim, lacerando a lei, conculcando todos os preceitos, todos os sãos principios de moralidade; chegando esse deploravel estado de cousas ao ponto do joven organ da justiça publica defender em rodas de calçadas, com todo o calor da mocidade, o indiciado, contra o qual nem uma só diligencia requereu, apesar dos continuados reclamos da opinião publica; é depois de tantos escandalos, quando a sociedade, hirta de terror, indefeza, sem abrigo sobre a

cabeça, sem apoio sob os pés, abandonadas as nossas vidas, a nossa honra e propriedades, que a sorte, como pungente escarneo atirado á nossas faces, constata-nos ter escolhido, entre centenares de cidadãos, o iracundo Pirão para juiz de facto, na proxima sessão do jury!

A' ser verdade, como nos autorisa á crer o caracter do communicante, o facto que teve por theatro a cidade do Icó, até quando devemos aguardar o imperio da lei e da moral? Quando nos será dado transitar seguros, já não dizemos essas estradas e veredas invadidas pelos Athai-des; mas, os grandes centros de população, as proprias ruas d'esta capital illuminadas de noite por ondas de copiosa e viva luz, confiadas a esses soldados que, si dentro de seus quartéis teem ante os olhos a lei do dever; fóra, nas autaridades civis á que se acham entregue a policia, só descobrem o pernicioso exemplo do despreso pela justiça?

Seria iniquidade lançar á conta da indole d'este povo activo e laborioso; d'este povo, cujas mãos, calejadas pelo trabalho, não se habituariam ao jogo do punhal e do bacamarte, si a politica e o arbitrio das autoridades, que o comprimem do modo o mais ferrenho não o fizesse instrumento, muitas vezes inconsciente, de paixões e interesses alheios; seria injusto, repetimos, attribuir ao caracter d'este povo, que primeiro n'este paiz ergueo o labaro do trabalho livre, esse quadro vasto, negro e assombroso onde se vê representados crimes do todas as naturezas, desde o simples furto de macacheiras e bananas até as cruzas do Mondubim.

O erro vêm muito de cima e, sem contestação, são muito mais culpados aquelles que, negando ás massas o pão do espirito e, nas epochas calamitosas, como a que atravessamos, até o pão do corpo, estabelecem gradações perante a lei e, o que inda mais indigna, especialmente em face do código criminal, cuja exacta e recta execução é um dos mais poderosos elementos de civilização.

Quando o pobre trabalhador de enxada hobrear nas penitenciarias com os ricos proprietarios; quando estes e aquelles forem nivellados sob o gladio da justiça, com certeza nos veremos em paralelo d'esses paizes onde sobre o mesmo banco se teem sentado os Troppmans e os Pedros Bonapartes.

### Alexandre Herculano.

No dia 8 do corrente celebrou-se com grande pompa, na Cathedral, as exequias, que antecedentemente annunciámos, pelo eterno repouso do eminente historiador e litterato portuguez A. Herculano.

Os portuguezes residentes n'esta capital, não podendo conservar-se indifferentes ante o infausto acontecimento que cobrio de lucto o mundo das lettras, acabava de dar pelo modo o mais solenne uma prova assás significativa desse san-



to patriotismo que, dentro ou fóra do torção em que viram a primeira luz, na prosperidade como na adversidade, trat-os sempre unidos no mais estreito e fraternal amplexo.

O acto que testemunhamos, cheios de respeito e veneração por esse volto magestoso que com razão faz o orgulho de Portugal, trouxe-nos também a certeza de que cada coração lusitano é um Pantheon onde sabem guardar com verdadeiro culto a memoria dos grandes homens da patria que idolatram.

Do intimo d'alma nos associamos á colonia portugueza em sua profunda e justa magoa. A Herculano não pertence só a Portugal; não é sómente o ídolo dos portuguezes, mas de todos aquelles que souberam admirar suas raras virtudes, seu notavel e fecundissimo talento, as suas produções, verdadeiros monumentos que lhe hão de eternisar o nome.

Na Cathedral reuniram-se n'esse dia, como era de esperar, as primeiras autoridades da provincia, á excepção do presidente por achar-se doente, conforme communicou a distincta commissão portugueza, pelo seu ajudante d'ordens. O tribunal da relação, os juizes de direito, chefe de policia, a officialidade do 15º batalhão de linha tendo á frente seu digno commandante, o gabinete cearense de leitura, a associação artistica, varios empregados publicos, as pessoas mais gradas d'esta capital, nacionaes e estrangeiros, todas as corporações, em summa, foram ali representadas.

No meio d'essa multidão que concorreu do modo o mais espontaneo á prestar as devidas homenagens aos restos preciosos do grande portuguez, notamos com estranheza uma sensivel lacuna: Portugal não foi officialmente representado, o Sr. consul portuguez deixou de acompanhar a colonia em tão sincera e merecida manifestação de dôr pela perda irreparavel de um homem que resume toda uma nacionalidade.

Não podemos furtar-nos ao dever de levar á illustre commissão portugueza, composta dos Srs. Joaquim José de Oliveira, José Martins Areias, José Gomes Barbosa, João Joaquim Simões e Domingos Bento de Abreu, agradecendo-lhe ao mesmo tempo, em nome das infelizes victimas da seca, o obulo que lhe offereceu, proveniente das sobras da subscrição promovida com o fim de celebrar as exequias.

## LITTERATURA.

### O retirante.

#### I

Vem, ó musa da dôr, prestar-me auxilio,  
Doridos threnos vem chorar comigo!  
Imprime no meu estro o adeus saudoso,  
Do pobre retirante ao seu jazigo!  
Repassando de dôr, de fome exausto,  
Torna a esposa fiel, toma os filhinhos,  
Sem sacco, sem alforça, á pés descalços,  
Lá segue, sem saber, invios caminhos;  
Mal sabe o desatino entre os azares,  
Se o solo inda verá dos proprios lares!

#### II

Poucos passos ha dado; e volve os olhos,  
Ao casal, que deixou, que ama deveras,  
Ao monte, ao prado, ao rio, ao bosque umbroso  
Onde o viram feliz recentes eras!  
Vergado a tanta dôr, seus olhos vertem  
No seio da consorte afflicto pranto;  
Em quanto a desdibosa enxuga os olhos  
Na ponta de seu velho e toco manto,  
Sem vêr com que matar a mortal fome,  
Que aos filhinhos persegue e a si consome.

#### III

O pai nunca pediu, não tem coragem  
D'ir o pão esmolado pelos caminhos;  
Mas a mãe, toda amor, não pôde vêr  
Chorar, morrer de fome os seus filhinhos,  
O pranto lhe borbulha em abundancia,  
A voz fallece, quando estende a mão!  
Em soluços diz ella: Dá Senhor  
Um pedaço sequer do vosso pão!  
Não deixes parecer n'estes caminhos  
De fome e de miseria os meus filhinhos!

#### IV

Repulsa e mal-acceita em toda parte,  
Segue a triste familia incerto norte;  
Na terra, nos montes, nos céos, em tudo  
Quanto a corôa, só vê sombras da morte,  
Como a flor que, o sol ao crepescar, tarde,  
Orvalhada das gottas da procella  
Com os setos á mostra, os pés descalços,  
Com a vista no chão, segue a donzella;  
Na face, que da rosa tinha o porte,  
Vê-se o baço pallor da côr da morte!

#### V

E' logo vivo o sol, as pedras brazas,  
O vento labareda, ardente o pó;  
A fome cruciante; e os pobresinhos  
Não acham de seu mal quem tenha dô,  
A sombra d'um rochedo ou verde arbusto  
Onde a fonte encontrou, que mate a sede,  
Na planeira de alastras a pobre gente  
Tomando por colchão seu ramo verde;  
A noite tomam pouso na cidade,  
Onde, mais que o dever, reina a maldade.

#### VI

O pai nunca pediu, a mãe resolve,  
Cujo amor maternal pulla mais forte.  
Sabe a filha donzella e os mais filhinhos  
Um bocado á pedir, que evite a morte.  
Como os filhos das ervas se dividem  
Nos abertos sertões pelas campinas,  
Pelos becos e ruas se separam  
A mãe, donzella incauta e as meninas;  
Descalços os pés, soltos os cabellos,  
Arrazados de pranto os olhos bellos!

#### VII

Ao primeiro, que encontra, estende a mão  
A mãe convulsa, afflicta, em desalinhos:  
Uma esmola, senhor! morro de fome,  
E meu pobre marido e meus filhinhos!  
Cantellosa a donzella se recolhe  
No manto, como a rosa em seu botão;  
Orvalhada de pranto o mudamente  
Estende ao que encontrou, faminta mão!  
As meninas famintas, quasi nús,  
Vão á todos pedindo pelas ruas!

#### VIII

Recolhida a familia, o pai se apressa  
Em vêr de cada qual sua parcela,  
E feita a redução, reconheceu,  
Ser mais vantajosa a da donzella.  
A mãe, mais previdente, conheceu,  
Que havia n'essa esmola o quer que fosse;  
Mas a fome cruel fê-la tragar  
O caliz da traição amargo dôce!  
A rosa purpurina, fresca e bella  
Desabriu, descorreu, fez-se amarella!

#### IX

Eia pois, ó donzella, que soffres  
Da fome e da miseria as privações,  
Fugi do fingimento e da lisonja,  
Que faz envenenar os corações;  
Cantellosas, prudentes, não fiei-vos  
Nos rizes das lisonjas e nos favores,  
Que é fatal sempre a serpe que se esconde  
Nas ruas do jardim, por entre as flores.  
Confiai, confiai em Deus sómente,  
Na sua e nossa Mãe, Virgem Clemente.  
Missão-Velha—Setembro—1877.

Dino.

## TRANSCRIPÇÃO.

### Alexandre Herculano.

Se uma individualidade, por mais gloriosa e potente que ella fosse, podesse resumir em si o nome e a historia de uma nação inteira, ao receber o telegramma que nos annunciou a morte de Alexandre Herculano poderíamos escrever—Portugal desapareceu da face da terra!

Mas não é assim, felizmente. A nação sobrevive sempre ás maiores individualidades que a honrem; e o povo irmão que hoje pranteia a perda de seu inclyto filho, pôde esclamar com orgulho:—elle era meu!

Na historia portugueza ha mais de uma pagina de honra onde se pôde achar escripto o nome de mais de um herôe.

Mas duvidamos que, no passado ou no futuro, possa o povo portuguez achar um typo mais completo e que mais lustre dê ao nome luzitano, do que esse que acaba de entrar na posteridade, resplendente de todas quantas austeras virtudes podem ennobrecer a uma raça e a uma geração.

Poeta, romancista, historiador, philosopho, escriptor politico, homem de sciencia e homem d'arte, patriota até o desespero ante as baixezas do seu tempo, abnegado até o sacrificio da sua propria individualidade, bardo e propheta simultaneamente—Alexandre Herculano é o nome que mais exalta e honra a nação portugueza e nenhuma individualidade, mais do que a sua, pôde pretender a gloria de haver consubstanciado em si—todas as qualidades brilhantes do genio e do caracter da sua raça.

Perder um filho d'esses é ficar orphão perpetuamente, porque elle não deixa irmãos que o possam substituir.

O sulco luminoso com que elle deixa assignalada na historia de seu paiz a sua passagem por este mundo, ha de, até a mais remota posteridade, fulgar no horizonte de sua patria como uma esplendida aurora boreal.

Possam as obras primas do seu fecundo engenho servir de modelos aos que pretendam a honra de havel-o como mestre; e possa a lembrança do seu austero caracter estimular as virtudes da geração que lhe succede, para que esta possa fornecer ao seu paiz filhos que não sejam indignos da gloria e do legado de honra que lhes deixa esse volto immenso, que se chamou na terra—Alexandre Herculano.

(Do Globo.)

ILEGIVEL

## UM POUCO DE TUDO.

### Farefada.

(CANÇÃO POPULAR)

Oh! retirante  
Lá do sertão,  
Guardai as costas,  
Olha o Pirão.

Lá da caverna  
Do Mondubim  
Um retirante  
Já levou fim.

Por macacheira  
Que todos dão,  
Leva-se ali  
Bolos na mão.

Ata-se um homem  
De pés e mão,  
Mette-se o relho  
Sem compaixão.

De bode e cabras  
Corta-se orelhas,  
Queima-se as tetas  
De pobres ovelhas.

Mata-se boi,  
Salga-se e come,  
Embora o dono  
Morra de fome.

Será criminoso  
Quem procede assim?  
Que diga o Pirão  
Lá do Mondubim:

Já que de historias  
De macacheira,  
Saber não quer  
O chefe Nogueira.

★ ★

No expediente do governo do dia 11 de Agosto ultimo, lê-se um officio do Exm. presidente da provincia dirigido aos membros da comissão de transporte maritimo, ordenando-lhe, que entregasse ao *felizardo* Joaquim Nogueira, commissario domiciliario do 2.º districto, dois *paneiros* de farinha, para alimento de crianças de retirantes...

Não achando, talvez, justa tão odiosa excepção, os demais commissarios reclamaram á S. Exc., porque também têm *crianças* de retirantes para alimentar, e S. Exc., sem mais nem menos, promptamente, fizera um outro officio a mesma comissão, estendendo a *graça* aos outros *felizardos*!

Louvado seja Deus: o Sr. Estellita já não pensa mais, quando quer praticar d'estas e outras patolas!

O Sr. Santos Neves deve requisitar também por sua vez os seus *dois paneiros*, se é que em seu districto existem *crianças*.

Infeliz verba de—soccorros publicos,—bas de chegar para tudo!

# ATENÇÃO

O abaixo assignado representante da casa commercial de

DE LAILHACAR & C.<sup>a</sup>

DE PERNAMBUCO,

tem a honra de communicar ao respeitavel publico d'esta capital que, tencionando aqui demorar-se alguns dias, fixou sua residencia á rua Amelia n. 63 onde pôde ser procurado para negocio de sua commissão.

A firma DE LAILHACAR & C. possui na cidade do Recife uma importante e conceituadissima

## LIVRARIA E PAPELARIA

caprichosamente montada e reconhecida pelo primeiro estabelecimento de Pernambuco, n'esse genero.

A casa commercial de **De Lailhacar & C.<sup>a</sup>** em virtude de residir em Paris o socio **G. de Lailhacar** e das relações de que dispõe em toda a Europa, America do Sul e Norte, no Norte e Sul do Imperio, dispondo igualmente de meios pecuniarios sufficientes para o seu ramo de negocio, promptifica-se a executar encomendas de qualquer natureza, assim como aceita assignaturas para todos os jornaes nacionaes e estrangeiros — Politicos, Litterarios, Illustrados, Modas para Senhoras, Alfaiates, Cabelleiros e Chapelleiros, Religião, Philosophia, Jurisprudencia, Medicina, Homeopathia, Dentaria, Pharmacia, Commercio, Agricultura, Engenharia, Architectura, Technologia, Sciencias em geral, Geographia, Historia, Viagens, Pedagogia, Musica, Pintura, Photographia, Magnetismo, Spiritismo, Franco-Maçonaria, Velocipedomania etc. etc. sendo que é este artigo a especialidade da casa.

O abaixo assignado traz consigo um grande numero de amostras de papelaria, impressões, livros em branco, muitos dos jornaes do catalogo, e de outros artigos, que estarão a disposição das pessoas que queiram dignar-se examinal-as e honrar com os seus pedidos.

Ceará, 13 de Outubro de 1877.

Willibald Padilha.